

Preti, D. Ino. ^(ing) Análise de Textos
Orais. São Paulo: Humanitas, 2010. (7ª ed.)

José Gaston Hilgert, da área de Lingüística, na Universidade de Passo Fundo (RS), e Diana Luz Pessoa de Barros, da mesma área, na Universidade de São Paulo e na Universidade Metodista Mackenzie, tratam dos "Procedimentos de reformulação" na linguagem falada. O primeiro, especificamente da paráfrase; a segunda, da correção. O professor Hilgert introduz o quinto texto da obra, falando sobre a construção do texto, sua formação e planejamento e, depois, estuda o fluxo da formulação (descontinuidade e problemas). A seguir, entra nas atividades lingüísticas de reformulação e na paráfrase propriamente dita, que constitui o tema central de seu artigo.

p. 3 (Apresentação)

~~10/9 (Citação)~~

29/8 10/2010

5. PROCEDIMENTOS DE REFORMULAÇÃO: A PARÁFRASE

José Gaston Hilgert

1. Introdução

Tendo em conta o fato de que, na fala, interlocutores em interação constroem cooperativamente um texto, volta-se este estudo, em termos abrangentes, aos procedimentos de construção do texto falado. Dentre estes, focalizamos, aqui, especificamente, o parafraseamento enquanto atividade lingüística de reformulação.

Metodologicamente desenvolvemos este trabalho, conduzidos pela análise de um segmento conversacional de 6 minutos de duração que consta no arquivo sonoro – inquérito 62, bobina 20 – do PROJETO NURC/USP – SP e está transcrito em CASTILHO e PRETI, 1987, p. 74-7, linhas 544 a 676.

2. O texto

Do ponto de vista de sua delimitação temática, convém lembrar que o texto a seguir inicia-se já estando em andamento o tópico que trata da invasão do campo de trabalho dos administradores e economistas pelos engenheiros.

L1 mas eles têm atendido em: ...
os exemplos
545 L2 tem não ()

- L1 que nós nós que nós temos visto aí é que principalmente dentro da área de investimentos ... eu tenho tenho acompanhado aqui ... o engenheiro está muito bem situado ... ele está exercendo perfeitamente a ... a função dele ... e exercendo:: a contento inclusive ... então:: eles estão ... porque realmente houve assim uma:: ... uma fuga ... do engenheiro da da ... da área de produção ... dos laboratórios de experiências para ... para a ...
- 550 L2 área administrativa
- 555 L1 área administrativa ... hoje ele realmente:: se encontra em grande percentagem na Área administrativa ...
- L2 seria isso porque já:: ... já estaria ... esgotada a área técnica?
- L1 não não seria ... talvez:: ...
- 560 L2 ou seria mais uma razão dum *status* dum indivíduo de ... digamos ... um ... engenheiro metalúrgico ... ficar no meio de operários qualquer coisa assim ... preferisse ...
- L1 eu não sei porque:: talvez talvez ... o o fato da da ... desse campo da pesquisa que é realmente um pouco ingrato né? ... em virtude do do próprio fato de nós não termos ainda:: muita disponibilidade:: de verbas PArá essa área da pesquisa ... então:: eu acredito que a pessoa ... não só nessa profissão de engenheiro:: ... como também na área da Medicina:: como também na área:: ...
- 570 L2 inclusive eu li ainda há poucos dias que: ... Psicologia ... Economia ... e Medicina estão:: ... os campos estão saturados
- L1 por incrível que pareça hoje em dia falar em pesquisa é:: ... achar que a pessoa vive de poesia né? ...
- 575 ((vozes incompreensíveis)) você não acha?...
[
Doc. () ou: ...
L1 hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia ... não dá
[
Doc. ((riu)) é verdade
- L1 quer dizer ... o pessoal não teria nem nem para a subsistência ... então realmente talvez sê/ seja o motivo ... (certo?) ... e ele realmente está fugindo um pouco quem sabe a:: a a técnica vá ... vá ressentir a falta desses elementos ... então por um outro lado ... o que estão o que está acontecendo ... você vê os técnicos eles estão suprimindo ... poxa em outras épocas aí ... talvez hoje
- 585

- mesmo ... exista uma uma rivalidade entre o engenheiro e o técnico ...
- L2 existe ...
- L1 eles brigam pelas posições ...
[
590 L2 existe ...
- L1 agora eu eu diria ... do ponto de vista da empresa ... deve absorver um engenheiro ou deve absorver um técnico? às vezes em termos de despesa ... é mais vantagem adquirir um um técnico
[
595 L2 um técnico
- L1 inclusive ele vai ... suprir perfeitamente ... vai atender perfeitamente a necessidade da empresa ... NAquele aspecto ... como a empresa às vezes não tem disponibilidade financeira para ... para manter um indivíduo estudando como modificar sua (té/) como aperfeiçoar tudo isso ... que isso vai acarretar gastos muito grandes então ela prefere ... absorver um técnico ...ele executa perfeitamente FAZ a máquina funcionar ... e o engenheiro fica de uma certa forma deslocado... acredito também seje esse UM motivo pelo qual ... está está havendo essa essa imigração para a área da administração ...
- 600 L2 das áreas de produção para as áreas de administração ...
- L1 e com isso os ... economistas e administradores encontram já o campo saturado mas não ... formados por economistas e administradores
[
605 L1 nós temos que estudar bastante né? ((risos))
- L2 precisamos qualidade né?
- L1 é exato porque:: ... dentro da profissão acho que ... SOmente para para ... para vencer para conseguir ... somente sendo muito bom mesmo ... porque:: é um fato você vê ...
- 610 L2 o o eu não diria somente ser muito bom ... viu ((pigarreou)) ô G. ...
- 620 L1 -- empostou a voz ... agora vai hein? --
- L2 eu não diria somente ... existe muito também e:: ... é apresentação entende?
- L1 uhn uhn ...
- L2 eu acho que:: hoje em dia não basta você somente ser ...

- 625 capacitado porque:: tem muita gente que ... não tantas qualidades quantos determinados ... com/ éh:: competidores em determinados cargos e:: ... na hora de escolher ... vem você porque é meu amigo ... certo? ... é isso que eu acho eu acho que também existe um
- 630 pouquinho do ... do relacionamento ... da pessoa ... da apresentação do indivíduo dentro de determinada organização ... isso você não sei se ... se você prestar atenção você:: ... notará às vezes você possui determinadas ... qualidades superiores a um competidor seu e você não é aproveitado ...
- 635 L1 é... são as cartas de recomendação né? ...
L2 então ainda ...
L1 isso existe em todo local-né? ... precisa realmente ter aquela recomendação ... mandado por fulano de tal:: ... sempre ele é melhor accito né?
- 640 L2 certo ...
L1 agora:: ... ((pigarreou)) inclusive falando um pouco da Medicina aí você veja como é que está a situação hoje em dia ela está:: socializada né? ... ela está::
- 645 completamente:: ... regularizada através de dessas interCLínicas
L2 exato conVênios
[
L1 a situação do médico ... também é uma situação difícil ... em termos de mercado de trabalho também é uma
- 650 situação difícil ... HOje já está existindo também ... muita quantidade ... está existindo uma certa facilidade inclusive parece que existe ... leis aí ... éh:: ... leis em termos de fiscalizar essas escolas de Medicina porque (ter) uma escola de Medicina tem que ter ... naturalmente um
- 655 um hospital ... tem que estar ligada a um hospital para poder atender:: ... atender as:: ... exigências do curso do curso de Medicina
[
L2 do curso
L1 o médico hoje em dia ele está ... se sujeitando mui::to
- 660 ... a empregos tal ... a situação do médico eu acho que está ... bastante difícil
Doc. mas dificuldade existe mesmo com as especializações?
L2 eu creio que existe ...
[

- L1 olha mesmo com as especializações ... tem as boas
- 665 espe/ especializações as que dão dinheiro ... então por exemplo posso te citar se você ... diz que ... otorrino ... é uma coisa que dá muito dinheiro ... psiquiatria pô ... dando fortunas ... certo? ... São Paulo é uma cidade cheia de problemas ... ((falou rindo)) ... então psiquiatria está ótimo ... e de que que você precisa de um divã e
- 670 paciência para ficar ouvindo ... diz que está dando muito ... psiquiatria ... otorrino ... é outra coisa ... oftalmologia ... diz que dá bastante ... mas pega um clínico geral ... por incrível que pareça é o que mais ... estuda ... certo?
- 675 ... é o que tem a MAIOR especialização ... em compensação é o mais injustiçado ...

3. A construção do texto: formulação e planejamento

No segmento conversacional transcrito acima, realizam atividades lingüísticas dois interlocutores: L1 e L2. Eles se encontram numa relação de diálogo, isto é, alternam os papéis de falante e ouvinte, interagindo entre si. No papel de falante, cada um busca o objetivo último de levar o ouvinte a mostrar uma certa reação.¹ No presente diálogo, o falante persegue quase sempre o objetivo de levar o seu interlocutor a **crer** no que diz. Para tanto, porém, ele precisa alcançar um objetivo anterior: que seu enunciado seja lingüisticamente construído de maneira tal que o ouvinte reconheça a intenção comunicativa do falante, isto é, que lhe compreenda o enunciado. Em outras palavras, ao falante cabe oferecer uma “proposta de compreensão” ao ouvinte, a partir da qual este possa mostrar a reação esperada.

Construir lingüisticamente o enunciado ou, em sentido mais amplo, o texto, significa dar **forma** e organização lingüística a um conteú-

¹ Segundo Motsch e Pasch (1987, p. 27-8), são três, em princípio, as reações possíveis do ouvinte, correspondentes a três objetivos comunicacionais básicos do falante: (a) que o ouvinte responda a uma pergunta; (b) que o ouvinte creia em algo; (c) que o ouvinte realize uma ação.

do, a uma idéia, enfim, a uma intenção comunicativa, o que permite dizer que, na construção lingüística do enunciado, desenvolvem-se **atividades de formulação**.

Nas condições de produção do diálogo, essa intenção comunicativa não é anteriormente planejada. Quando muito, tem o falante uma vaga noção do que vai dizer ao iniciar o seu turno. Em geral, ele toma a palavra e segue falando com "destino incerto", que só se definirá na evolução do turno, ou seja, na seqüência da formulação. Nesse sentido, então, construir o texto consiste também em planejá-lo.

Em suma, destaque-se a simultaneidade desses dois procedimentos: construir o texto falado é desenvolver-lhe o planejamento, na medida em que evolui o processo de formulação. Na realização da atividade comunicativa, a intenção não é anterior à formulação. A intenção é "construída" na e pela formulação, e o planejamento de uma atividade comunicativa só se completa com a construção do enunciado concluído.

É precisamente esta preocupação simultânea com o "dizer" e com o "que dizer" que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação. Elas explicitam os procedimentos a que o falante se vê impelido a recorrer para levar a bom termo o seu objetivo comunicacional. No dizer de Rath (1979, p. 20):

[...] o processo da construção textual com todos os seus desvios, reinícios, repetições e correções é diretamente observável. Pode-se, portanto, no âmbito da língua falada, assegurar que o texto consiste, em parte, em produzir o texto como tal [...].

Ou, como diz Antos (1962, p. 183), o texto falado mantém explícitos todos os traços de seus *status nascendi*. Nisto ele se distingue do texto escrito, no qual, ao menos em grande parte, as pegadas do processo de construção estão apagadas.

4. O fluxo da formulação: descontinuidades e problemas

Basta a impressão de uma primeira leitura do texto transcrito acima para se verificar que a característica mais evidente do texto falado é a grande incidência de **descontinuidades** no curso de sua formulação. A descontinuidade, como o próprio termo já diz, consiste numa interrupção do fluxo formulativo, atribuída, em princípio, ao fato de o falante não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva, o que caracteriza, segundo Antos (1982, p. 160), um "problema de formulação". Schegloff, Jefferson e Sacks (1977, p. 362) lembram que cada elemento lingüístico pode ser considerado uma "fonte de problemas". Para esses autores, um problema não só se identifica na ocorrência de "erros" ou "falhas" na formulação, mas também na procura de uma palavra adequada, manifesta em hesitações e outros fenômenos. Podem também ser considerados problemas enunciados incompreensíveis ou de difícil compreensão que levam o falante, por iniciativa própria, ou de seu interlocutor, a reformular esses enunciados a fim de lhes garantir a compreensão. Às vezes, a suposta possibilidade de o ouvinte não vir a compreender algum enunciado também pode se revelar como um problema ao falante, impelindo-o a reformulações preventivas.

A análise de textos da língua falada aponta nitidamente para a distinção entre problemas **prospectivos** e **retrospectivos**.² Os primeiros se identificam no fato de o falante deles se dar conta antes de os formular; os outros ele só percebe quando já estão lingüisticamente inseridos na formulação do texto.

Começamos com a identificação e caracterização dos problemas prospectivos, no seguinte segmento do texto acima. Chamamos a atenção do leitor que assinalamos as descontinuidades por barras oblíquas simples, enumeradas em sua seqüência. A presença da barra oblíqua dupla registra a interrupção e o abandono definitivos de uma seqüência sintática.

² Esta terminologia é sugerida por Koch e Oesterreicher (1990, p. 61-2).

- (1)
 L1 – o exemplo que nós/¹ que nós que nós temos
 v/² ::isto aí é que principalmente dentro da
 área de investimentos/³ ... eu tenho /⁴ tenho
 acompanhado aqui ...
 o engenheiro está muito bem situado...
 ele está exercendo perfeitamente a/⁵... a função
 dele... e exercendo/⁶ ::a contento inclusive...
 então/⁷:: eles estão//
 porque realmente houve assim uma /⁸::... uma
 fuga/⁹:: do engenheiro
 da/¹⁰ da... da área de produção...
 dos laboratórios de experiências para/¹¹... para::...
 L2 – área administrativa
 L1 – área administrativa... hoje ele realmente/¹²::
 se encontra em grande percentagem na Área
 administrativa...
 L2 – seria isso porque já/¹³::... já estaria/¹⁴ ...
 esgotada a área técnica?

4.1. Problemas prospectivos

L1 abre o seu turno e já o interrompe na (/1), à procura de uma alternativa de formulação adequada para prosseguir. O tempo necessário para tanto preenche-o com uma dupla repetição de “que nós”. Mal se decide por “temos”, no alongamento do “v:” (/2) hesita na confirmação de v::isto”. Segue a formulação com fluência normal até a pausa depois de “investimentos” (/3). Denuncia ela a interrupção da seqüência sintática do enunciado em curso para a inserção de um comentário com estrutura sintática independente. Concluído este, o falante complementa o anteriormente interrompido, conforme assinala a seta. Note-se que, na formulação do enunciado inserido, surge outra interrupção, explicitada pela repetição de “tenho” (/4). E assim por diante: sempre abrindo um tempo no curso formulativo à busca de uma alternativa de formulação, as discontinuidades se manifestam em hesitações, explicitadas por meio de diferentes recursos:

- em /5, por uma pausa e a repetição do “a”;
- em /6, pelo alongamento da vogal final de “exercendo::”;
- em /7, também pelo alongamento do ditongo final de “então”::;
- em /8, pelo alongamento da vogal final de “uma::”, seguido de pausa;
- em /9, pela pausa;
- em /10, pela repetição, pausa e nova repetição da preposição “da”;
- em /11, pela pausa, repetição “para” com alongamento da vogal final, seguido de nova pausa;
- em /12, pelo alongamento da vogal final de “realmente::”;
- em /13, pelo alongamento de “já::”, seguido de pausa e da repetição dessa forma;
- em /14, pela pausa.

Pelo visto, as discontinuidades aqui apontadas se manifestam em **hesitações** que, em linhas gerais, se realizam da seguinte forma: (a) o falante pára o desenvolvimento da formulação; (b) preenche com pausa, alongamentos ou outros recursos a lacuna de tempo necessária para definir uma alternativa de formulação adequada;³ (c) definida esta alternativa, com ela continua a formulação. Às vezes, ao prosseguir, o falante retoma (repete) em parte ou no todo o segmento interrompido; outras vezes, não dá continuidade à estrutura sintática do segmento interrompido, retomando-o só adiante, depois de intercalar um enunciado com estrutura sintática estranha à que estava em curso (cf. /3).

Como dissemos, as hesitações sinalizam discontinuidades que denunciam problemas de formulação prospectivos, ou seja, o falante deles se dá conta antes de os formular, ao contrário do que acontece com os

³ Note-se que poucas vezes o falante sustenta o tempo para encontrar uma formulação adequada somente por meio de uma pausa. Em geral, preenche-o com alongamentos ou repetições. Tal procedimento sinaliza o fato de que ele não quer entregar o seu turno. Uma pausa mais longa enseja ao ouvinte a oportunidade de tomar o turno.

retrospectivos, os quais, como veremos a seguir, também geram discontinuidades – de características próprias – no fluxo formulativo do texto.

4.2. Problemas retrospectivos

Destaquemos do texto o seguinte segmento:

- (2)
- | | |
|----|--|
| L1 | que nós nós que nós temos visto aí é que principalmente
dentro da área de investimentos ... eu tenho tenho
acompanhado aqui ...
o engenheiro está <u> muito bem situado </u> ...
ele está exercendo <u>perfeitamente</u> a ... a função
dele ... <u>exercendo:: a contento inclusive ...</u>
<u>então:: eles estão ...</u> |
|----|--|
- (linhas 544-51)

Sob o enfoque do analista do texto, formam as primeiras quatro linhas um enunciado semântica e informacionalmente completo, o que teoricamente poderia levar o falante a dar continuidade a seu turno diretamente com a conclusão, a qual ele começa introduzir mais adiante com “então:: eles estão”, conforme mostra a seta. Tudo indica, porém, que ele sente ser a expressão “muito bem situado”, do ponto de vista semântico e, portanto, do ponto de vista do reconhecimento da intenção comunicativa por parte do ouvinte, não suficientemente explícita. Esse fato poderia gerar problemas de compreensão ao ouvinte e, quem sabe, até provocar um pedido de esclarecimentos. O falante então se antecipa. **Interrompe**, de certa forma, a sucessão de enunciados que realiza o percurso informacional de seu turno e se atém a um deles, retomando-o, em forma de **paráfrase**, para dar-lhe maior explicitação. Paráfrase é, portanto, um enunciado que reformula um enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica. Em termos mais simples, a paráfrase retoma, com outras palavras, o sentido de um enunciado anterior. Ela, portanto, supõe sempre um enunciado

de origem com o qual está em relação parafrástica. Destaquemos esta relação neste segmento:

- (3)
- | | |
|----|--|
| EO | L1 o engenheiro está muito bem situado ... |
| ER | ele está exercendo <u>perfeitamente</u> a ... a função
dele ... e exercendo:: <u>a contento inclusive ...</u> |
- (linhas 548-50)

EO é o enunciado de origem. ER é o enunciado que reformula (= enunciado reformulador) EO, tratando-se, no caso presente, de uma reformulação parafrástica. Procedimentos idênticos com finalidades semelhantes analisaremos adiante, nas relações parafrásticas que destacamos do texto aqui em foco.

Mas, se a reformulação parafrástica revela uma descontinuidade no fluxo formulativo do texto, bem mais explícita ela aparece numa reformulação de natureza corretiva. Por meio da **correção**, o falante anula, total ou parcialmente, a formulação anterior.

Assim em:

- (4)
- | | |
|----|---|
| L1 | – então eu tenho impressão de que quando
o menor... já:: estiver assim... pela |
| EO | <u>quarta série</u> |
| ER | <u>terceira quarta série...</u> ele já estará mais...independente |
- (CASTILHO e PRETI, 1987, p. 167, linhas 1225-8)

ER corrige parcialmente EO, passando da formulação “quarta série”, que determina uma faixa de tempo mais delimitada, para “terceira quarta série”, definindo assim um recorte mais amplo no tempo.

Já em:

- (5)
- | | |
|-------|--|
| EO L1 | – e não fiz outra:: <u>outras especializações</u> dentro |
|-------|--|

outras especializações não...
outra:::
ER não segui outras carreiras que o curso
de Pedagogia daria possibilidade como o caso da
(CASTILHO e PRETI, 1987, p. 167, linhas 1577-80)

o falante anula a sua formulação “outras especializações” de forma explícita, quando diz “outras especializações não”. A seguir, procura uma nova formulação para a anulada, conforme o demonstra a repetição “outra::”, em que se alonga a última vogal. Não tendo sucesso nesta procura, acaba optando pela reformulação de todo o segmento sintático em que, no enunciado de origem, “outras especializações” está inserido. Dessa forma, acaba também ocorrendo a reformulação específica de “outras especializações” por “outras carreiras”.

A observação desses poucos exemplos de paráfrases e correções basta para constatar que o fato de o falante retomar um segmento já formulado revela: (a) uma descontinuidade, pois retomar sempre significa interromper o fluxo formulativo em andamento; (b) um problema de formulação, pois além de o enunciador não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva, a retomada não é gratuita, isto é, alguma razão na interação comunicativa a determinou; (c) um problema retrospectivo, na medida em que, ao contrário do prospectivo, o falante só percebe o problema e suas dimensões, quando ele está sendo ou já se encontra lingüisticamente elaborado, levando-o, então, a uma atividade metaformativa.

Em resumo, vimos que a construção do texto falado é extremamente suscetível de problemas de formulação, em geral denunciados por descontinuidades manifestas nas hesitações e nas interrupções provocadas por correções e retomadas parafrásticas.

5. Atividades lingüísticas de reformulação

Na medida em que as correções e as paráfrases revelam descontinuidades, elas constituem atividades de formulação textual quase sem-

pre destinadas a solucionar os problemas que as deflagraram. Nesse sentido, são atividades que procedem à reformulação de formulações anteriores, o que lhes dá o caráter metaformativo e o nome de **atividades de reformulação**.

5.1. Componentes das atividades de reformulação

Um traço bem evidente nas relações parafrásticas e de correção, como se viu, é o fato de que o segundo segmento (a paráfrase e a correção) é necessariamente determinado pela ocorrência de um segmento anterior. O que já nos permite destacar dois elementos constitutivos comuns das atividades de reformulação: o **enunciado de origem** e o **enunciado reformulador**.

Além desses, muitas atividades de reformulação registram um terceiro componente: o marcador de reformulação. Ele anuncia a reformulação a ocorrer, por meio de uma expressão verbal, de um paralelismo sintático ou de alguma manifestação suprasegmental ou paralingüística, como a pausa, a hesitação, a mudança de ritmo na articulação (ora pausada ou prolongada, ora mais rápida), a diminuição da altura ou do volume de voz. Os limites deste trabalho não nos permitem entrar em detalhes a propósito desses marcadores. Registramos contudo, à guisa de exemplos, o marcador de correção (mc) no segmento (6) e o marcador de paráfrase (mp), no segmento (7):

- (6)
EO L1 -- e não fiz outra:: outras especializações dentro
mc outras especializações não ...
outra:::
CORR não segui outras carreiras ah::... que o curso
de Pedagogia daria possibilidade como o caso da

(CASTILHO e PRETI, 1987, p. 167, linhas 1577-80)

(7)

M		L1 hoje: fazer pesquisa é viver de poesia ... não dá Doc. ((triv)) é verdade
mp		L1 <u>quer dizer</u> ...
P		o pessoal não teria nem nem para a subsistência ...

(linhas 577-80)

5.2. O caráter reformulador do segundo componente

Denominamos a paráfrase e a correção de atividades de reformulação pelo fato de o segundo enunciado reformular o primeiro. Com efeito, nos exemplos com que acima ilustramos nossas explicações, as atividades de paráfrase e de correção foram deflagradas por algum problema de formulação, o que também determina, no complexo processo de formulação textual, a sua função primeira e imediata: a solução de problemas desse tipo. Para atenderem a tal objetivo, as formulações parafrástica e de correção distinguem-se de seus enunciados de origem por apresentarem variações sintáticas, lexicais, fonéticas ou suprasegmentais, nas quais se identifica, precisamente, o caráter reformulador dessas atividades.

5.3. A distinção entre atividades de reformulação

Identificamos os traços comuns que permitem classificar a paráfrase e a correção como atividades de reformulação. Cabe agora definir os critérios que as distinguem entre si. A distinção se baseia, fundamentalmente, na especificidade da relação semântica entre enunciado de origem e enunciado reformulador. A paráfrase mantém como seu enunciado de origem uma **relação de equivalência** semântica, ou seja, ela dele retoma, em maior ou menor grau, o conjunto de traços semânticos (conforme veremos especificamente em 6.3.). Nesse sentido, a repetição pode ser considerada um caso-limite de paráfrase, na medida em

que manteria com o seu enunciado de origem o grau máximo de equivalência semântica.

Na correção, ao contrário, a relação entre enunciado de origem e enunciado reformulador é de **contraste** semântico, uma vez que este anula, total ou parcialmente, a verdade daquele, conforme ficou evidente no segmento (5).

Distinguidas, assim, entre si as atividades de reformulação, ao menos em seus traços essenciais, fixemo-nos, daqui para frente, somente nas paráfrases. As correções serão objeto de análise em trabalho específico, em outro texto deste volume.

6. A paráfrase

Relembramos que parafrasear é, dentro do processo de construção do texto, uma atividade lingüística de reformulação, por meio da qual se estabelece entre um enunciado de origem e um enunciado reformulador uma relação de equivalência semântica, responsável por deslocamentos de sentidos que impulsionam a progressividade textual.

As relações parafrásticas podem ser focalizadas sob diferentes ângulos. Restringir-nos-emos, aqui, a apreciá-las sob três deles, que nos parecem explicar melhor as suas funções na progressiva construção do texto: o aspecto distribucional, o aspecto operacional e a semântica das relações parafrásticas.

Queremos assinalar que, nos segmentos a seguir analisados, identificamos as relações parafrásticas, dando ao enunciado de origem o nome de matriz (M) e ao enunciado reformulador o nome específico de paráfrase (P).

6.1. A distribuição dos constituintes das relações parafrásticas

Observemos estes segmentos de nosso texto:

- (8)
- | | |
|----|--|
| L1 | porque realmente houve assim uma: ... uma fuga ... do engenheiro |
| M | da ... da área de produção ... |
| P | dos laboratórios de experiências para ... para a ... |
| L2 | área administrativa |
| L1 | área administrativa ... |
- (linhas 551-5)
- (9)
- | | |
|----|---|
| L1 | mas pega um clínico geral ... por incrível que pareça |
| M | é o que mais ... estuda ... certo? ... |
| P | <u>é o que tem a MAIOR especialização ...</u> |
- (linhas 673-5)
- (10)
- | | |
|----|--|
| M | poxa em outras épocas aí ... talvez hoje mesmo ... existia uma uma rivalidade entre o engenheiro e o técnico ... |
| L2 | existe ... |
| P | L1 <u>eles brigam pelas posições...</u> |
| L2 | existe ... |
- (linhas 585-90)
- (11)
- | | |
|---|--|
| M | L1 <u>a situação do médico ... também é uma situação difícil ... em termos de mercado de trabalho também é uma situação difícil...</u>
HOje já está existindo também... muita quantidade... está existindo uma certa facilidade inclusive parece que existe ... leis aí ... éh: ... leis em termos de fiscalizar essas escolas de Medicina porque uma escola de Medicina tem que ter... |
|---|--|

Análise de textos orais

- naturalmente um:... um hospital ... tem que estar ligada a um hospital para poder atender: ... atender as: ... exigências do curso do curso de Medicina do curso
- | | |
|----|--|
| L2 | |
| L1 | <u>o médico hoje em dia ele está... se sujeitando muito... a empregos tal... a situação do médico eu acho que está... bastante difícil</u> |
- (linhas 648-61)
- (12)
- | | |
|---|---|
| M | L1 <u>diz que... otorrino... é uma coisa que dá muito dinheiro... psiquiatria pô... dando fortunas... certo?...</u>
São Paulo é uma cidade cheia de problemas... ((falou rindo))... então a psiquiatria está ótimo... e de que que você precisa de um divã e paciência para ficar ouvindo...
P <u>diz que está dando muito... psiquiatria... otorrino... é outra coisa...</u> |
|---|---|
- (linhas 666-72)

As relações parafrásticas nesses segmentos extraídos do texto que estamos analisando revelam a existência de paráfrases que seguem imediatamente a matriz (segmentos 8, 9 e 10) e de outras que só se manifestam mais adiante na seqüência textual (segmentos 11 e 12), isto é, entre elas e a matriz insere-se um segmento textual mais ou menos longo.⁴

Às paráfrases do primeiro tipo damos o nome de **paráfrases adjacentes**; às outras, de **não adjacentes**. A pertinência dessa classificação está no fato de umas outras exercerem funções distintas na construção do texto: às primeiras cabe uma função local no desenvolvimento do texto; as últimas estruturam a conversação num nível mais abrangente. Dessas funções trataremos no final deste tópico.

⁴ Por segmento inserido não entendemos uma mera fórmula retificadora (como é o caso da manifestação de L2, no segmento 3) nem a simples tentativa frustrada de retomada do turno por parte do interlocutor.

No texto aqui em análise, quase todas as paráfrases são adjacentes. Só duas não se enquadram nesta categoria, as quais estão destacadas nos dois últimos segmentos acima.

No que respeita às funções, a distinção entre paráfrases adjacentes e não adjacentes é especialmente importante, por revelar diferentes níveis e correspondentes graus de complexidade da organização do texto conversacional. As paráfrases adjacentes exercem funções locais na composição da trama conversacional, resolvendo tanto problemas de natureza especificamente interacional quanto problemas determinados pelo desdobramento temático-argumentativo do texto e pela busca de adequação vocabular na construção de enunciados.

Já as paráfrases não adjacentes funcionam como estruturadoras de tópicos conversacionais mais longos e abrangentes, na medida em que asseguram unidade a uma abordagem temática, demarcam diferentes etapas de seu desenvolvimento e lhe dão a conclusão necessária. Todas essas atribuições convergem para definir uma função geral das relações parafrásticas com paráfrases não adjacentes: realizar uma atividade lingüística dominante em relação a outras consideradas subsidiárias na construção de um tópico. Quando visam a concluir o desenvolvimento de um tópico apresentam-se, normalmente, na forma de resumos.

6.2. A operacionalização nas relações parafrásticas

Numa relação de diálogo entre L1 e L2, como a apresentada no texto que estamos analisando, podem ocorrer as seguintes possibilidades de produção de paráfrases:

- a) o falante (L1 ou L2) parafraseia o seu próprio enunciado, identificando-se, neste caso, uma **autoparáfrase**;
- b) um interlocutor parafraseia o enunciado produzido pelo outro, realizando-se, assim, uma **heteroparáfrase**.

Além disso, é preciso distinguir a produção em si da iniciativa da produção da paráfrase. A iniciativa da atividade cabe àquele que desencadeia o ato de parafrasear. Neste sentido, tem-se:

- a) uma **paráfrase auto-iniciada**, quando ela é desencadeada por quem a produz;
- b) uma **paráfrase heteroiniciada**, quando ela é desencadeada por um interlocutor e produzida por outro.

A seguir, analisaremos quatro relações do texto aqui em foco, selecionadas para exemplificar cada uma das formas de operacionalização que distinguimos.

Relação (a):

(13)		
M	L1	<u>a situação do médico... também é uma situação difícil...</u>
P		<u>em termos de mercado de trabalho também é uma situação difícil...</u>

(linhas 648-50)

Nela, matriz e paráfrase são produzidas pelo mesmo interlocutor (L1). Ou seja, L1 parafraseia-se a si mesmo e por iniciativa própria, o que significa que a reformulação parafrástica não foi provocada por alguma iniciativa de L2, *Doc.* ou outro fator. Trata-se, portanto, de uma **autoparáfrase auto-iniciada**.

Relação (b):

(14)		
M1	L1	<u>por incrível que pareça hoje em dia falar em pesquisa é: ... achar que a pessoa vive de poesia né?...</u> ((vozes incompreensíveis)) <u>você não acha?...</u>
	<i>Doc.</i>	()o: ...
P1	L1	<u>hoje: fazer pesquisa é viver de poesia...</u>
P2		<u>não dá</u>
	<i>Doc.</i>	((riu)) é verdade

(linhas 573-8)

Aqui também temos autoparáfrases. O parafraseamento, porém, foi desencadeado pelo interlocutor de L1, na medida em que *Doc.* hesitou em ratificar a fala de L1 na matriz (M1). Note-se que este insistiu duplamente (por meio de “né?” e “você não acha?”) na busca dessa ratificação. Diante da hesitação do interlocutor, L1 decidiu retomar o seu enunciado em duas paráfrases sucessivas até que *Doc.* lhe desse a ratificação desejada, o que ocorreu por meio de “é verdade”. Caracteriza-se assim uma **autoparáfrase heteroiniciada**.

Relação (c):

(15)

M		L1	<u>nós temos que estudar bastante né?</u> ((risos))
P		L2	<u>precisamos qualidade né?</u>
		L1	é exato

(linhas 612-4)

Nesta relação, L2 parafraseia o enunciado (M) do seu interlocutor (L1) e o faz por sua própria iniciativa. Identificamos, neste caso, uma **heteroparáfrase auto-iniciada**.

Além desses três, um outro tipo de paráfrase, para o qual não há exemplo em nosso texto, pode ocorrer, como mostra este segmento conversacional.

Relação (d):

(16)

		L1	...(uma) de nove... e a outra de seis ...
M		<i>Doc.</i>	<u>a senhora... procurou dar espaço de tempo entre um e</u> <u>Outro...</u>
P		L2	<u>aconteceram ou foram programados</u>
		<i>Doc.</i>	(isso)... faz favor

(CASTILHO e PRETI, 1987, p. 136, linhas 1-9)

L1 e L2 vinham conversando a propósito do número de filhos de cada uma, da programação de sua concepção, quando *Doc.* interveio com sua pergunta dirigida a L1. Tendo esta demorado demasiadamente para tomar o seu turno e dar início à resposta, L2, provavelmente entendendo que L1 não houvera compreendido o enunciado de *Doc.*, reformulou a pergunta desta, retomando a mesma idéia com outras palavras. A reformulação consiste, portanto, numa heteroparáfrase. Quem moveu, porém, L2 a tomar a iniciativa da paráfrase foi L1, na medida em que demorou em responder à pergunta de *Doc.* Tivesse ela tomado o turno de resposta imediatamente, a reformulação parafrástica não teria ocorrido, em princípio. Este fato nos leva, então, a distinguir, no segmento (16), uma **heteroparáfrase heteroiniciada**.

Resumindo, podemos dizer que, do ponto de vista operacional, as paráfrases podem-se classificar em:

- (a) autoparáfrases auto-iniciadas e heteroiniciadas;
- (b) heteroparáfrases auto-iniciadas e heteroiniciadas.

São as autoparáfrases auto-iniciadas as que mais ocorrem no texto que estamos analisando e nos diálogos em geral. No tocante às suas funções, visam precisamente a garantir ao ouvinte a compreensão dos enunciados, a qual poderá, por exemplo, exigir do falante paráfrases que definam noções e conceitos, precisem ou explicitem uma unidade de sentido, proponham ou enfatizem soluções, sublinhem pertinências temáticas, procedem à adequação vocabular.

A incidência das autoparáfrases auto-iniciadas parece maior ainda em turnos longos e, portanto, em textos conversacionais com poucas alternâncias de turnos e poucos “sinais do ouvinte” (isto é, sinais do tipo “*hmm*”, “*ahn ahn*”, “*certo*”, “*claro*”, “*é verdade*”). Por meio delas, o falante se antecipa à possibilidade de o ouvinte o compreender mal ou nem mesmo o compreender. Exercem, nesse sentido, uma função preventiva ou profilática na evolução do texto.

Depois das autoparáfrases auto-iniciadas, chama a atenção, nos diálogos, a grande incidência de heteroparáfrases auto-iniciadas. São

elas as que mais nitidamente evidenciam a ação convergente dos interlocutores na co-elaboração do texto conversacional. Por meio delas, os interlocutores, num primeiro instante, asseguram-se mutuamente a intercompreensão. O autor da paráfrase explícita como compreendeu o enunciado parafraseado e, em geral, recebe de seu interlocutor um sinal ratificador de que a intenção comunicativa foi devidamente reconhecida, conforme mostra o segmento (15), que aqui retomamos:

M | L1 nós temos que estudar bastante né? ((risos))
P | L2 precisamos qualidade né?
L1 é exato...

(linhas 612-4)

O interlocutor que produziu a matriz avalia, por meio da heteroparáfrase, a recepção de sua "proposta de compreensão", ao mesmo tempo em que recebe a solidariedade conversacional do seu interlocutor, o que o impele a prosseguir a formulação textual.

As heteroparáfrases auto-iniciadas podem também interferir na condução temática da conversação. Isso acontece, por exemplo, quando em relação à abrangência informacional da matriz, dela selecionam aspectos, privilegiando alguns e relegando outros a segundo plano.

As paráfrases heteroiniciadas são menos comuns. Tanto nas autoparáfrases quanto na heteroparáfrases, elas desencadeiam uma reformulação que busca solucionar problemas bem concretos e localizados de compreensão e formulação com que se deparam os interlocutores.

6.3. A semântica das relações parafrásticas

Quando acima abordamos os critérios que permitem distinguir entre si as atividades de reformulação, dissemos que tal distinção se baseia, fundamentalmente, na especificidade da relação semântica entre enunciado de origem e enunciado reformulador. Na correção, esta relação é de contraste semântico; na paráfrase, ela é de equivalência semântica, na medida em que a paráfrase retoma, em maior ou menor grau, a dimensão significativa da matriz.

Efetivamente, as relações parafrásticas que identificamos no texto aqui em análise são todas elas reconhecíveis por algum grau geralmente acentuado de equivalência semântica entre paráfrase e matriz. Quando falamos, portanto, nesta gradação, admitimos que ela pode ir desde um grau mínimo, onde só é perceptível num quadro de conhecimentos extratextuais comum aos interlocutores, até um grau máximo, traduzido na pura repetição.

Explicitaremos essa noção de grau de equivalência semântica entre matriz e paráfrase à luz da análise de três relações parafrásticas selecionadas em nosso texto.

Relação (a):

(17)

M		L1	<u>diz que... otorrino...</u>
			<u>é uma coisa que dá muito dinheiro... psiquiatria pô...</u>
			<u>dando fortunas... certo?.....</u>
		
P			<u>diz que está dando muito ...</u>
			<u>... psiquiatria... otorrino... é outra coisa...</u>

(linhas 666-73)

Note-se que a paráfrase mantém uma grande identidade significativa com a matriz, isto é, a paráfrase explícita os mesmos traços semânticos da matriz, estabelecendo um alto grau de equivalência semântica entre os dois componentes da relação. P é quase uma repetição de M, o que caracteriza uma equivalência forte.

Relação (b):

(18)

		L1	agora:... ((pigarreou)) inclusive falando um pouco da Medicina aí você veja como é que está a situação hoje em dia
--	--	----	--

M		<u>ela está:: socializada né? ...</u>
P		<u>ela está:: completamente::... regularizada através</u> <u>de dessas interCLínicas</u>

(linhas 642-6)

Nesta relação, a base significativa comum já é menor. Na matriz, a noção de “medicina socializada” aparece ampla e indefinida, isto é, do ponto de vista semântico, engloba um vasto quadro de traços semânticos. A paráfrase somente atualiza um desses traços, na medida em que a aceção de “medicina socializada” está limitada a “está:: completamente regularizada através dessas interCLínicas”.

Relação (c):

(19)

M	L1	<u>ela está:: completamente::... regularizada através</u> <u>de dessas interCLínicas</u>
P	L2	<u>exato ConVÊnios</u>

(linhas 644-7)

Nesta relação, a base semêmica comum é muito reduzida, configurando, por isso, uma **equivalência semântica fraca**. Só é possível estabelecer uma relação parafrástica entre “*regularizada através dessas interCLínicas*” e “*conVÊnios*”, portanto, a equivalência entre esses componentes da relação só é perceptível, graças ao conhecimento extratextual comum aos interlocutores de que a referida “regularização” se dá por meio de “convênios”. Manifesta-se, aqui, não uma equivalência textual, mas uma equivalência referencial, condição bastante para fundar uma relação parafrástica.

Do ponto de vista da equivalência semântica, portanto, a paráfrase é dissimétrica em relação à matriz, isto é, em função do contexto discursivo em que a paráfrase ocorre, os seus traços só em parte coincidem com os da matriz.

Essas considerações a propósito do grau de equivalência semântica entre matriz e paráfrase nos permitem constatar que, no nível semântico, o parafraseamento é um **deslocamento de sentido**. Ora esse deslocamento se manifesta do geral para o específico; ora, do específico para o geral.

No exemplo seguinte fica particularmente evidente o primeiro desses movimentos.

(20)

L1 agora:: ((pigarreou)) inclusive falando um pouco da Medicina aí você veja como é que está a situação hoje em dia

M		<u>ela está:: socializada né?..</u>
P		<u>ela está:: completamente::... regularizada através</u> <u>de dessas interCLínicas</u>

(linhas 642-6)

Com efeito, a expressão “medicina socializada” reúne um conjunto de traços semânticos possíveis de serem atualizados em diferentes contextos de comunicação. Mas, nesse parafraseamento, somente um dos traços é considerado pertinente pelo falante: o de entender, por medicina “socializada”, a sua organização em “interclínicas”.

Já nesta relação

(21)

M	L1	<u>o médico hoje em dia ele está</u> <u>... se sujeitando muito... a empregos tal</u>
P		<u>a situação do médico eu acho</u> <u>que está... bastante difícil</u>

(linhas 559-661)

ocorre um movimento semântico do específico para o geral, na medida em que um traço semântico (“sujecitar-se muito a empregos”) da matriz

é retomado, na paráfrase, por uma expressão semanticamente bem mais abrangente e indefinida ("a situação está bastante difícil") que, no presente contexto, engloba aquela.

Para concluir essas breves considerações sobre a semântica das relações parafrásticas, queremos com ela relacionar uma tendência na estrutura formal das paráfrases. Quando, na passagem da matriz para a paráfrase, há um deslocamento de sentido do geral para o específico, verifica-se uma tendência de a paráfrase, do ponto de vista sintático e lexical, ser mais **expandida** do que a matriz. Quando, porém, nessa passagem, o deslocamento de sentido vai do específico para o geral, nota-se uma **condensação** sintático-lexical da paráfrase. No que respeita, então, à textualização da semântica das paráfrases, identificam-se **paráfrases expansivas** e **paráfrases redutoras**. Além disso, pode ser mantida, na paráfrase, apesar dos movimentos semânticos referidos, a mesma dimensão textual da matriz. Neste caso, registram-se as **paráfrases paralelas**.

A expansão parafrástica consiste no fato de o parafraseamento se realizar por meio de um enunciado, lexical e sintaticamente mais complexo do que a matriz, como acontece, por exemplo, no segmento (18) e nesta relação:

(22)		L1	hoje:: fazer pesquisa é viver de poesia ...
M			<u>não dá</u>
		Doc.	((riu)) é verdade
P		L1	<u>quer dizer... o pessoal não teria nem nem para a subsistência...</u>

(linhas 577-80)

Quando o movimento semântico da matriz para a paráfrase se textualiza numa unidade sintática mais simples, isto é, quando a textualização da paráfrase se desenvolve em sentido contrário ao da expansão, identifica-se a condensação, como é o caso, por exemplo, no segmento (19) e nesta relação:

(23)		L2	<u>que eu acho eu acho que também existe um pouquinho do... do relacionamento... da pessoa... da apresentação do indivíduo dentro de determinada organização... isso você não sei se ... se você prestar atenção você:: ... notará às vezes você possui determinadas ... qualidades superiores a um competidor seu e você não é aproveitado ...</u>
M			
P		L1	<u>é... são as cartas de recomendação né?</u>

(linhas 629-36)

Finalmente, podemos reconhecer paráfrases que se textualizam com a mesma dimensão sintática de suas matrizes. À guisa de exemplo, servem estas relações:

(24)		L1	<u>inclusive ele vai... suprir perfeitamente ... vai atender perfeitamente a necessidade da empresa...</u>
M			
P			

(linhas 596-7)

(25)		L2	eu acho eu acho que também existe um pouquinho do... do relacionamento... da pessoa... da apresentação do indivíduo dentro de determinada organização...
M			
P			

(linhas 629-32)

Chamamos estas paráfrases de **paralelas**, porque, em princípio, só diferem de suas matrizes por variações lexicais, mantendo com elas uma simetria sintática.

Nestas relações, é muitas vezes difícil perceber os deslocamentos de sentido acima identificados. Em muitos casos, a paráfrase parece ter uma função semântica sobressalente em relação à matriz, isto é, caso esta não atenda às exigências de objetividade e clareza significativas para levar a bom termo a realização da atividade comunicativa, aquela asse-

gura, com alguma nuance significativa a mais, a qualidade semântica exigida para esse fim. Não raro, essa função é direcionada no sentido de uma maior adequação vocabular ou de uma precisão terminológica. Outras vezes a paráfrase simétrica parece simplesmente concorrer com a matriz para expressar um conceito para o qual o enunciador não encontra uma formulação específica.

A propósito das funções das paráfrases expansivas e redutoras, cabe registrar que às primeiras são devidas as funções de: (a) dar explicações definidoras de matrizes constituídas por noções abstratas; (b) explicitar, precisando ou especificando, informações contidas nas matrizes. As explicações ocorrem, com frequência, por meio de exemplificações que, então, se identificam com as reformulações parafrásticas. As paráfrases redutoras também exercem duas funções: (a) conferir uma denominação adequada, mais simples ou abrangente a uma formulação complexa ou demasiadamente específica da matriz; (b) resumir o conjunto de informações que a matriz contém. O exercício desta última função coincide, normalmente, com o de concluir um tópico conversacional.

7. Considerações finais

Vimos que a produção de um diálogo corresponde à realização sucessiva e alternada de atividades lingüísticas. Cada uma delas é movida por uma intenção do falante de atingir determinado objetivo (cf. nota 1). Para alcançar este objetivo, o falante precisa, fundamentalmente, que o ouvinte compreenda a sua fala e, assim, reconheça o seu objetivo. Para tanto, cabe ao falante proceder a uma série de atividades textuais que assegurem a compreensão (como completar, corrigir, explicar, parafrasear, repetir, resumir). Atividades desta natureza respondem pela formulação do texto, razão por que as denominamos de **atividades de formulação textual**. Entre elas, destacam-se a correção, a paráfrase e a repetição, pois, como atividades de formulação, cabe-lhes o papel específico de reformular passagens do texto com vistas à formulação adequada e, em decorrência, à garantia da compreensão por parte do ouvinte. Chamamo-las, por isso, de **atividades de reformulação textual**.

Identificamos, em suma, o parafraseamento como uma atividade de constituição textual, a que o falante recorre para reformular etapas do desenvolvimento de sua própria formulação textual e/ou da formulação textual de seu interlocutor, visando a promover e assegurar a intercompreensão e a progressividade conversacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTOS, Gerd. *Grundlagen einer Theorie des Formulierens*. Tübingen: Max Niemeyer, 1982.
- BANGE, Pierre e KAYSER, Hermann. L'organisation d'une consultation. Approche théorique et empirique. In: BANGE, P. *L'analyse des interactions verbales, La dame de Caluire: une consultation*. Berna, Frankfurt a. M., Nova Iorque, Paris: Peter Lang, 1987.
- CASTILHO, Ataliba T. e PRETI, Dino (Orgs.). *A linguagem culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987, v. II -- Diálogos entre dois informantes..
- FUCHS, Catherine. La paraphrase entre la langue et le discours. *Langue française*. Paris, 53: 22-33, 1982.
- GAULMAYN, Marie-Madeleine. Reformulation métadiscursive et genèse du discours. *Études de linguistique appliquées*. Universidade de Genebra, 63: 98-117, 1986.
- _____. Actes de reformulation et processus de reformulation. In: BANGE, Pierre (Org.). *L'analyse des interactions verbales - La dame de Caluire: une consultation*. Berna, Frankfurt a. M., Nova Iorque, Paris: Peter Lang, 1987.
- GÜLICH, Elisabeth e KOTSCHI, Thomas. Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. *Cahiers de linguistique française*. Universidade de Genebra, 5: 305-51, 1983.
- _____. Reformulierungshandlungen als Mittel der textkonstitution: Untersuchungen zu französischen Texten aus mündlicher Kommunikation. In: MOTSCH, W. (Org.). *Satz, Text, sprachliche Handlung*. Berlin: Akademie-Verlag, 1987, Studia Grammatica XXV.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase

KOCH, Peter e OESTERREICHER, Wolf. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Niemeyer, 1990.

KOHLER-CHESNY, Joëlle. Aspects explicatifs de l'activité discursive de paraphrasage. *Revue européenne des sciences sociales*. Genebra: Droz, 56: 95-114, 1981.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

RATH, Reiner. *Kommunikationspraxis: Analysen zur Textbildung and Textgliederung im gesprochenen Deutsch*. Göttingen, Vandenhoeck e Ruprecht, 1979.

SHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail e SACKS, Harvey. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. *Language*, 53: 361-82, 1977.

VIEHWEGER, Dieter et alii. *Problems der semantischen Analyse*. Berlin: Akademie-Verlag, 1977, Studia Grammatica XV.

6. PROCEDIMENTOS DE REFORMULAÇÃO: A CORREÇÃO

Diana Luz Pessoa de Barros

Neste capítulo, examina-se um dos procedimentos característicos da língua falada, a correção. Para isso, analisa-se o texto que segue, extraído de uma conversação do material do Projeto NURC/SP:

- 535 L2 H. você escreveu qualquer coisa muito interessante sobre a a Marília Medalha e eu perdi essa sua:...o que foi que você disse sobre Marília Medalha o () me disse que era... que estava muito interessante este seu:... esta sua crônica
- L1 é não o que eu disse é o seguinte
[
- 540 L2 o que que você comentou?
L1 é é a tal coisa a televisão ahn:: ao mesmo tempo que proporciona às vezes ... surpresas FÚteis às vezes proporciona Ótimas não é? ... porque Marília Medalha não costuma ... aparecer muito na televisão ... ch::
- 545 há quem diga que a televisão compõe uma muralha de mediocriDade ... que ela paga muito bem ... então as pessoas que estão lá dentro não deixam as de fora entrar ... então muitos artistas escritores ... ahn compositores gostariam de ... de ter acesso à televisão mas ela se fecha ... na famosa muralha de mediocridade que agora é um
- 550 pouco discutível ... e não se abre mas: nesse dia ... eu estava aqui na minha sala ... sintonizei para o canal quatro ... um programa da:... Elizeth Cardoso ... *Brasil Som Setenta e Seis* - eu gosto muito da Elizeth Cardoso -- ... e daí a pouco quem eu vejo Marília